

Cemitérios: arte, sociedade e cultura

Apresentação

■ *A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas.* (Mumford, 1965, p. 16).

Partindo do trecho da epígrafe acima, que destaca a acuidade da cidade dos mortos, propomos um dossiê que tenha os cemitérios como eixo transversal de algumas das recentes pesquisas no campo da morte e do morrer. Não podemos deixar de mencionar o quanto é imperativo mencionar, logo de início, o clássico livro *Arte e Sociedade nos cemitérios brasileiros (1972)*, do sociólogo Clarival do Prado Valladares (1918- 1983). A obra é resultante da longa pesquisa realizada, entre os anos de 1960 e 1970, na qual apresentou um complexo, difuso e multifacetado cenário dos cemitérios brasileiros.

Valladares apontou para questões que se relacionavam ao processo de sepultamento e a construções tumulares desde os primeiros estabelecimentos coloniais. Em sua análise descritiva, destacou cemitérios que foram se constituindo ao longo do tempo em cidades de grande, médio e pequeno porte, afirmando que sua interpretação estabelecia as conexões entre a sociedade e as manifestações artísticas que se construíam nos espaços mortuários. Trata-se, obviamente, de um texto historicamente datado e que, na atualidade, sob vários aspectos, pode ser contestado e confrontado. Contudo, um fato é inegável: revela-se uma obra seminal, de leitura obrigatória para qualquer pesquisador que se interessa pelos estudos cemitieriais no Brasil e que nos estimulou a propor esse dossiê.

Os artigos aqui reunidos são um bom exemplo para creditar a relevância e importância da pesquisa publicada pelo investigador e para

* Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Goiás. Membro da Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales, da Associação Brasileira de Estudos Cemitieriais (ABEC) e do Grupo de Pesquisa Imagens da Morte (UNIRIO-/CNPQ). CV: <http://lattes.cnpq.br/0672444382021221>

** Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Coordenadora do ASI - Arquivo de Som e Imagem, situado no Centro de Estudos em Design da Imagem da Escola de Design, UEMG. CV: <http://lattes.cnpq.br/6813138729924319>

demonstrar que os estudos cemiteriais realizados em nosso país avançaram significativamente desde essa clássica iniciativa, alcançando um nítido estágio de crescimento quantitativo e qualitativo. Ao iniciarmos os anos de 2020, podemos afirmar que possuímos pesquisadores das mais diversas áreas de atuação interessados em compreender de modo mais profundo as múltiplas dimensões que se cristalizam nesses espaços dos mortos.

A confirmação desse pressuposto, no Brasil, pode ser balizada pela existência de dois grupos de estudos já consolidados, a partir dos quais frutificam a produção de pesquisas, o número de publicações e a organização de eventos que enfocam direta ou indiretamente os cemitérios.

O primeiro deles é a *Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais* (ABEC), fundada em 2004, que atualmente está associada à *Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales* (fundada em 1999). Desde sua constituição, a ABEC realiza encontros bianuais em diferentes cidades do Brasil, que contam com número cada vez maior de participantes provenientes de quase todos os estados brasileiros. Um dos momentos de ápice de seus congressos são as visitas guiadas a cemitérios locais, conduzidas por alguns dos maiores especialistas nesse campo de atividades. O segundo é o Grupo de Pesquisa, *Imagens da Morte: a morte, os mortos e o morrer no mundo Ibero-americano* (CNPq, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO), fundado em 2010, que congrega pesquisadores de diferentes universidades da América Latina. Bianualmente, realiza seus encontros: nos anos ímpares, um *Simpósio Temático* no interior do Encontro Nacional da Associação Nacional de História/ANPUH e, nos anos pares, o *Congresso Internacional Imagens da Morte* (CIM), em alguma cidade do Brasil ou do exterior.

Graças a essas duas associações brasileiras, o intercâmbio de pesquisas e ideias acerca dos cemitérios se dá de forma intensa e rica, originando publicações nas diferentes áreas de conhecimento, dentre as quais citamos apenas algumas dessa última década, tais como: MOTTA (2009), BORGES (2010); BATISTA (2011), GRASSI (2016); DILLMANN (2016); BASTIANELLO (2016) e ZANOTTO e MIRANDA (2018), a partir das quais os cemitérios são evocados ampliando-se as fronteiras de estudo e colocando em evidência a relevância do tema.

O avanço dessa produção pode ser identificado no presente dossiê, que traz temáticas e abordagens bastante diferenciadas em relação aos trabalhos que temos visto ultimamente. Composto por cinco artigos, ele transita pela análise de antigas reflexões sobre os inconvenientes dos enterramentos das igrejas; pelo enfoque sobre o uso da fotografia como elemento decorativo em túmulos comemorativos; pela aplicação de estudos iconológicos e iconográficos para compreensão das construções tumulares; pela compreensão do espaço cemiterial como lugar de construções de memórias, homenagens e devoções populares. A leitura dos artigos nos possibilita entender que, de fato, os cemitérios são lugares pródigos para se pensar arte, cultura e sociedade, sob óticas plurais.

No artigo intitulado, *Vicente Coelho de Seabra Silva Teles e a reforma dos cemitérios*, a pesquisadora portuguesa Ana Cristina Araújo analisa a contribuição do cientista brasileiro, radicado em Portugal que, no fim do século XVIII, se debruçou sobre as razões científicas da reforma dos cemitérios e produziu uma das principais obras publicadas em Portugal, no início

do século XIX, sobre os prejuízos causados pelas sepulturas no interior dos templos. Nascido em Congonhas, Minas Gerais, Silva Teles (1764-1804) mudou-se para Coimbra ainda jovem com o intuito de consolidar sua formação acadêmica, dedicando-se ao estudo de Medicina, Filosofia e Matemática, revelando-se, igualmente, um excelente profissional da Química. Em 1800, publicou um tratado no qual refletia sobre os malefícios dos sepultamentos *ad sanctos* e propunha alternativas para substituição dessa prática, dentre as quais a cremação. Ao focar os estudos de Silva Teles, Araújo nos traz significativos elementos para fomentar nossas reflexões sobre de que forma as práticas funerárias e a convivência entre vivos e mortos junto às sepulturas das igrejas se transformaram em candente tema de debates por intelectuais luso-brasileiros, entre fins do século XVIII e início do XIX.

O artigo *Imagens dos mortos da Guerra do Chaco (1932-1935) nas construções memoriais em cemitérios bolivianos*, de autoria de Alberto Gawryszewski, dedica-se à leitura das imagens e suas potencialidades, ao analisar as fotografias de cemitérios bolivianos como elemento decorativo de túmulos de mortos Guerra do Chaco, envolvendo Bolívia e Paraguai, entre 1932 e 1937. A análise das imagens presentes nos túmulos e o discurso que emerge a partir de sua inserção no contexto cemiterial nos traz algumas das interpretações que podem ser construídas sobre esses registros no espaço cemiterial de um país que, ainda hoje, retrata na sua paisagem urbana a memória de um dos conflitos mais sangrentos nos quais se envolveu.

Em *Os guardiões de pedra da cidade dos mortos: escultura tumular na Manaus da Belle Époque*, Márcio Leonel Farias Reis Páscoa e Carla Mara Matos Aires Martins elegem, igualmente, o acervo tumular como objeto de investigação. Mas, nesse caso em específico, trata-se de esculturas do período entre fins do século XIX e inícios do XX pertencentes ao Cemitério Municipal de São João, na cidade de Manaus, no estado de Amazonas. Por meio da análise do conjunto escultórico produzido no auge da economia da borracha, procuram explicitar o significado do discurso que as imagens esculpidas constroem na paisagem cemiterial, tanto sob o ponto de vista dos significados que incorporam como do da produção e do trabalho dos marmoristas que as realizaram.

Interpretando diversas construções tumulares existentes em cemitérios secularizados no cenário brasileiro e do exterior, Maria Elizia Borges nos apresenta o artigo *Representações da arte funerária: homenagens às pessoas que contribuíram para a educação no Brasil*. Com uma temática diferenciada no campo dos estudos da arte cemiterial, enfoca as homenagens e a deferência sob a forma de escultura tumular e àqueles personagens que, de algum modo, prestaram algum tipo de serviço à educação no Brasil. Partindo de elementos da história da educação, da história da arte funerária e da história da imagem, busca interpretar alguns dos condicionantes que permeiam a construção de túmulos celebrativos, carregados de sentimentos e emoção.

Se a questão é focar sentimento e emoção por meio do estudo cemiterial, o artigo assinado por Michelle Ferreira Maia, *Práticas tecidas pela Fé: Devoções aos Santos Populares no Ceará*, nos possibilita refletir sobre de que modo as devoções populares manifestadas nos cemitérios emergem a partir dos gostos e da fé popular situados à margem dos cânones católicos oficiais. Para fundamentar sua análise, a pesquisadora investiga o surgimento de duas

devoções do interior do Ceará – a João Ferreira Gomes, conhecido popularmente como “João das Pedras”, na cidade de São Benedito, e ao doutor Olavo Cavalcante Cardoso, em Crateús – aqui transformadas numa excelente discussão sobre os usos que a cultura popular elabora dos espaços funerários.

Minas Gerais e, mais especificamente, Belo Horizonte, é colocada em foco, quando a temática sobre o potencial místico dos espaços cemiteriais é tratada por Marcelina das Graças de Almeida, Julio César de Aguiar Santana e Roberto Fernandes da Silva, no artigo *Práticas religiosas no espaço cemiterial: observações sobre o Cemitério do Bonfim*. Neste estudo, a experiência que se liga ao divino é problematizada pelos autores por meio da análise da presença de diferentes confissões religiosas nas construções tumulares ou nos elementos decorativos destas. As crenças – sejam elas espírita, católica ou de matriz africana – se apropriam dos espaços do cemitério belo-horizontino, dando-lhe um caráter sagrado e votivo, não planejado inicialmente pelos seus idealizadores urbanos.

Ao findar a leitura desse dossiê, esperamos que ele cumpra sua função de propor um debate sobre os cemitérios como lugares plenos para compreensão das múltiplas possibilidades de seu estudo no cruzamento entre arte, sociedade e cultura em suas mais diversas dimensões.

Referências Bibliográficas

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. *A memória retida na pedra*. A história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858-1950). Santa Maria: Pallotti, 2016. 224p.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Jardim regado com lágrimas de saudade*. Morte e cultura visual na venerável ordem terceira dos mínimos de São Francisco de Paula (século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011. 223p.

BORGES, Maria Elizia et al (Orgs.). *Estudos Cemiteriais no Brasil*. Catálogo de Livros, Teses, Dissertações e Artigos. Goiânia: UFG/FAV/Ciar/FUNAPE, 2010. 128p.

DILLMANN, Mauro. *Morte e práticas fúnebres na secularizada República*. Porto Alegre, início do século XX. São Paulo: Paco Editorial, 2016. 428p.

GRASSI, Clarissa. *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula: arte e memória no espaço urbano*. 1. ed. Curitiba: Edição do Autor, 2014. 304p

MOTTA, Antônio. *À flor da pedra*. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2009. 202p.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História*. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas. Tradução Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1965. 741p.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura-MEC, 1972. 02 volumes, 1487p.

ZANOTTO, Gizele e MIRANDA, Fernando (Orgs.). *A Morte Não é o Fim: Culturas e Identidades no Cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018. 292p.

